PERIODICOS

AGROANALYSIS

GRUPO DE INFORMAÇÃO AGRÍCOLA

VOL. 2 – N.º 8

2 DE MAIO DE 1978

GOMES FREIRE 3.V.78 DR-RIO

BRASIL CORREIO 00070 10416

0000000238
BIBLIOTECA KARL A BOEDECKER
ESCOLA DE ADM DE EMPRESAS FGV
ATT TANIA RODRIGUES MENDES
AV 9 DE JULHO 2029 10 ANDAR
SAO PAULO SP

FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS
INSTITUTO BRASILEIRO DE ECONOMIA

GRUPO DE INFORMAÇÃO AGRÍCOLA

AGROANALYSIS é uma publicação do Grupo de Informação Agrícola (GIA) dedicada à análise e previsão dos mercados agropecuários, cuja periodicidade é quinzenal de fevereiro a agosto, e mensal de setembro a janeiro.

COORDENADOR — Paulo Rabello de Castro

QUADRO TÉCNICO E ÁREAS DE INTERESSE

Abastecimento, Tributação, Infraestrutura Rural	—	Ailton Coentro Filho
Insumos Modernos, Meteorologia	—	Bruno M. Rangel Pessanha
Economia Internacional, Feijão	—	Roberto Moreno Moreira
Situação Fundiária e Trabalhista, Política Nacional	—	José Marcos Lemos Fochi
Moeda e Crédito, Cana-de-Açúcar, Mandioca	—	Moema Unis Benevides
Arroz, Café, Fumo	—	Regis N. Cunha Alimandro
Pecuária Bovina	—	Antonio R. Marques Gonçalves
Oleaginosas, Trigo, Metais	—	Fernando R. Freitas Almeida
Serviço de Informações Básicas	—	Francisco A. Fonseca Menezes
Fibras, Processamento Agroindustrial e Agrocomercial	—	Inês Teresa Lyra
Cacau, Fruticultura, Horticultura	—	Itazil F. Benício dos Santos
Milho, Rações, Animais de Pequeno Porte	—	Ivan Wedekin

QUADRO DE APOIO

Documentação	—	Maria Eunice Rocha
Secretaria	—	Maria Dolores G. Fernandez
	—	Maria Beatriz R. Fernandes
	—	Maria do Carmo M. Gomory
	—	Desirée Virgínia Machado
	—	Jorge Martins dos Santos

Agroanalysis. v.I — ,n.1 —; 1977 —
Rio de Janeiro, Grupo de Informação Agrícola
v. ilust. 30cm Quinzenal (fev. a ago.)
Mensal (set. a jan.)

1. Agricultura — Periódicos. I. Grupo de Informação Agrícola

CDU 631(05)

Grupo de Informação Agrícola
Av. Gomes Freire, 647 — 10º — ZC-58
Fones: 232-5001, 232-6827, 232-8678 e 232-2548
Telex: 212-3840 FGVE BR
20.000 — Rio de Janeiro — RJ
BRASIL

BIBLIOTECA KARL A. ... DECKER
Escola de Administração de
Empresas de São Paulo

AGROANALYSIS

GRUPO DE INFORMAÇÃO AGRÍCOLA

vol. 2 nº8

2 de maio de 1978

ÍNDICE

PANORAMA AGROPECUÁRIO

Preços no Mercado Externo pág. 2
Preços no Mercado Interno pág. 4
Preços Relativos pág. 6
Fatores de Produção pág. 8

COMENTÁRIOS

Açúcar/Álcool pág. 10
Milho pág. 11
Trigo pág. 12
Algodão pág. 13
Suco Cítrico pág. 14

NOTA DA EDIÇÃO

Neste número, abordamos em FATORES DE PRODUÇÃO: 1) a importância do fosfato natural, de produção ainda em pequena escala, para a recuperação agrícola dos cerrados; 2) a repercussão, no setor produtivo de máquinas e implementos agrícolas, das recentes alterações na sistemática de financiamento ao produtor real.

Nos COMENTÁRIOS:

A maior destinação da cana-de-açúcar à produção de álcool carburante, em detrimento de seus outros usos que enfrentam problemas de colocação no mercado, está seriamente comprometida por deficiências de distribuição e estocagem do produto. Poucos são os estados brasileiros cuja infra-estrutura permite a imediata implementação do Proálcool.

As pressões inflacionárias decorrentes do superaquecimento do preço do milho no mercado nacional impõem a imediata importação do produto, para que se torne possível a realização de uma eficiente política de estocagem.

A previsão de ocorrência de excedentes de suco cítrico brasileiro, bem como a fixação, pela CACEX, do preço de referência para laranja com fins industriais, a nível considerado elevado pelos industriais, explica o prolongamento da discussão a respeito de maiores subsídios à exportação.

Os problemas enfrentados pelos triticultores, decorrentes de longa estiagem que atinge as regiões produtoras no Brasil, bem como o desestímulo provocado pelo insucesso das culturas de verão daquela região, delineiam um quadro pouco animador em relação ao desenvolvimento da próxima safra de trigo.

Finalmente, o pedido dos industriais brasileiros do setor de confecções de algodão para que seja autorizada a importação de 50 mil t da matéria-prima, em regime de *draw back*, foi motivado pelo aumento da gravosidade do produto brasileiro. Algumas das possíveis conseqüências dessa eventual permissão são discutidas neste número de Agroanalysis.

Agroanalysis	*Rio de Janeiro*	*v. 2*	*n. 8*	*pág. 1 a 15*	*mai. 1978*

FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS
INSTITUTO BRASILEIRO DE ECONOMIA

Panorama Agropecuário

GUIA DE LEITURA
Sugere-se que a leitura obedeça a seguinte ordem:
1º – Posição da última quinzena
2º – Comparação percentual com o passado (Posição de um ano antes e Posição de um mês antes)
3º – Comportamento dos futuros
4º – Perspectivas dos próximos 30 dias com seus respectivos fatores ponderáveis.

ATÉ: 24/4/78

PREÇO / PRODUTO	Posição real* um ano antes	Posição nominal um mês antes	Posição da última quinzena	Posição real dos futuros 78 mai / 78 jul / 78 set / 78 nov / 79 jan / 79 mar / 79 mai	Perspectivas dos próximos 30 dias	Fatores Ponderáveis
AÇÚCAR RAW MERC.–N.YORK US ¢/lb–peso Fontes: Reuters	+40%	+4%	US¢ 7,75 (mai)	+2% / +12%	↘	. Recomendação dada pela ITC de aumento da tarifa de importação, com possibilidades de revisão de quotas nos EUA. **§§ Ver Comentários**
ALGODÃO 1-1/16"M-Memphis MERC.–N.YORK US¢/lb–peso Fontes: Reuters, CottonWorldStat.	+40%	0%	US¢ 55,66	+1% / +6%	→	. Rumores de grandes compras da China. . Aprovação do *target price* em US¢ 60 pelo Senado dos EUA contrabalançado pela fraqueza do mercado externo.
CACAU BAHIA MERC.–N.YORK US ¢/lb–peso Fontes: Reuters	+11%	-3%	US¢ 158,57 (mai)	-4% / -19%	→	. Resultado das moagens do 1º trimestre de 78 dos EUA, Reino Unido e Holanda foi mais baixo que em 77, mas as importações de derivados aumentaram.
CAFÉ SANTOS MERC. – N.YORK US ¢/lb–peso Fontes: Reuters	+89%	-10%	US¢ 176,98 (mai)	-13% / -39%	→	. Países centro-americanos estudam sistema de defesa de preços, provavelmente quotas de exportação. . USDA reduz em 1 milhão de sacas sua estimativa para a próxima safra mundial.

*** Valores deflacionados pelo IPA norte–americano, do INTERNATIONAL FINANCIAL STATISTICS – FMI; para os preços futuros, usa-se a média ponderada dos deflatores dos últimos três anos.**

NOTA: Cotações no disponível de açúcar, cacau e café suspensas. Considera-se, então, o futuro 1ª entrega.

Panorama Agropecuário

PREÇOS NO MERCADO EXTERNO

As informações e perspectivas aqui apresentadas se baseiam em fontes fidedignas e em cuidadosas análises de cada mercado, cujo grau de precisão e integridade, entretanto, o GIA não pode garantir. Nossas opiniões sobre as perspectivas de mercado são, por sua natureza subjetiva, sujeitas a mudança, independentemente da ocorrência de novos fatores ponderáveis. Sugerimos contato com nossos técnicos para qualquer esclarecimento ou troca de opiniões. (ver 1ª contracapa).

PREÇO / PRODUTO	Posição real* um ano antes	Posição nominal um mês antes	Posição da última quinzena	Posição real dos futuros 78 mai	78 jul	78 set	78 nov	79 jan	79 mar	79 mai	Perspectivas dos próximos 30 dias	Fatores Ponderáveis
MILHO TWO YELLOW MERC. – CHICAGO US ¢/bushel Fontes: Reuters, Com. Year Book 77	+5%	-7%	US¢ 250,50	+5%						0%	↗	.Atraso no plantio norte-americano e novas vendas à URSS. §§ Ver Comentários
SOJA - GRÃO ONE YELLOW MERC. – CHICAGO US ¢/bushel Fontes: Reuters, Com. Year Book 77	+45%	-7%	US¢ 700,10	+2%				-13%			↗	.Esmagamento e exportações dos EUA prosseguem muito elevados. .Estoques norte-americanos abaixo do esperado. .Safra brasileira como principal fundamento da alta.
SOJA FARELO MERC. – CHICAGO US$/T. Fontes: Reuters, Com. Year Book 77	+71%	+1%	US$ 175,94	+2%				-7%			→	.Embora a nova estimativa do *carry-over* dos EUA seja altista, seu volume total é elevado.
TRIGO SOFT RED MERC. – CHICAGO US ¢/bushel Fontes: Reuters, Com. Year Book 77	-16%	-12%	US¢ 318,38	+2%						+1%	→	.Diminuição dos estoques norte-americanos, porém o IWC prevê nova grande safra mundial em 78/79: 395/405 Mt. §§ Ver Comentários

* Valores deflacionados pelo IPA norte–americano, do INTERNATIONAL FINANCIAL STATISTICS – FMI; para os preços futuros, usa–se a média ponderada dos deflatores dos últimos três anos.

Panorama Agropecuário

GUIA DE LEITURA
Sugere-se que a leitura obedeça a seguinte ordem:
1º – Posição da última quinzena
2º – Comparação percentual com o passado (Posição de um ano antes e Posição de um mês antes)
3º – Perspectivas dos próximos 30 dias com seus respectivos fatores ponderáveis.

ATÉ: 24/4/78

PREÇO / PRODUTO	Posição real* um ano antes	Posição real * um mês antes	Posição da última quinzena	Perspectivas dos próximos 30 dias	Fatores Ponderáveis
ALGODÃO Tipo 5–Sul do BR MERC. – SP Cr$/15 kg Fonte: Bolsa de Mercadorias de SP	+11%	-8%	Cr$ 372,78	➡	. Liberação dos EGF entra como fator altista mas, os industriais começam a se retrair e requerem *draw back*. **§§ Ver Comentários**
ARROZ Amarelão-Est. Cen. MERC. – SP Cr$/sc. 60 kg Fonte: Bolsa de Cereais de SP	-19%	-5%	Cr$ 450,00	➡	. Colheita vem confirmando números de quebra. . Mercado suprido por estoques governamentais.
CAFÉ Tipo 7/8 MERC. – RJ Cr$/sc 60 kg Fonte: Cent. do Com. de Café do RJ	+125%	+6%	Cr$ 1.961,00	➡	. Mercado está contido, em cruzeiros nominais, pelo preço mínimo de garantia do IBC.
BOI GORDO – MERC. – Pres. Wenc. Cr$/arroba Fonte: IEA–SP	-16%	+4%	Cr$ 283,89	↘	. Ligeiro aumento na oferta motivado pelo pico da safra.

*** Valores deflacionados pelo IGP, col. 2, CONJUNTURA ECONÔMICA – FGV**

Panorama Agropecuário

PREÇOS NO MERCADO INTERNO

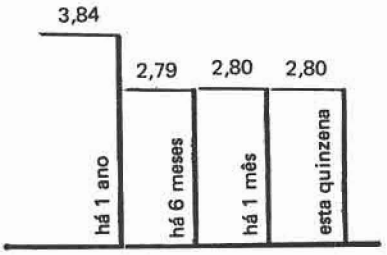
As informações e perspectivas aqui apresentadas se baseiam em fontes fidedignas e em cuidadosas análises de cada mercado, cujo grau de precisão e integridade, entretanto, o GIA não pode garantir. Nossas opiniões sobre as perspectivas de mercado são, por sua natureza subjetiva, sujeitas a mudança, independentemente da ocorrência de novos fatores ponderáveis. Sugerimos contato com nossos técnicos para qualquer esclarecimento ou troca de opiniões. (ver 1ª contracapa).

PREÇO / PRODUTO	Posição real* um ano antes	Posição real * um mês antes	Posição da última quinzena	Perspectivas dos próximos 30 dias	Fatores Ponderáveis
FEIJÃO Preto Comum MERC. – SP Cr$/sc. 60 kg Fonte: Bolsa de Cereais de SP	+19%	-5%	Cr$ 401,11	→	. Tendência de estabilidade induzida pela colocação do estoque remanescente. . Ainda indefinida a quebra da safra da seca, no Centro-Sul.
FRANGO Abatido MERC. – SP Cr$/kg Fonte: APA	+10%	+12%	Cr$ 17,10	↗	. Alta das rações provocará elevação do produto. . Os abatedouros estão operando a plena capacidade.
MILHO Amarelo Semiduro MERC. – SP Cr$/60 kg Fonte: Bolsa de Cereais de SP	-15%	-2%	Cr$ 126,50	↘	. Influência momentânea da CFP colocando seus estoques no mercado. **§§ Ver Comentários**
SOJA-GRÃO Industrial MERC. – SP Cr$/60 kg Fonte: Bolsa de Cereais de SP	+29%	-9%	Cr$ 229,67	↗	. Indústrias mantêm o ritmo de compras.

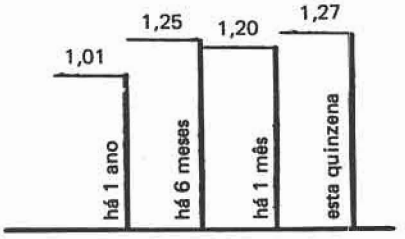
*** Valores deflacionados pelo IGP, col. 2, CONJUNTURA ECONÔMICA – FGV**

MERCADO EXTERNO

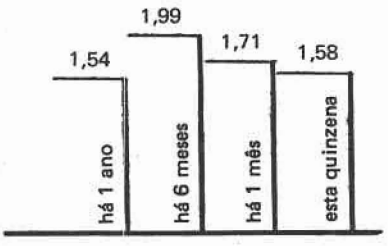
Soja / Milho



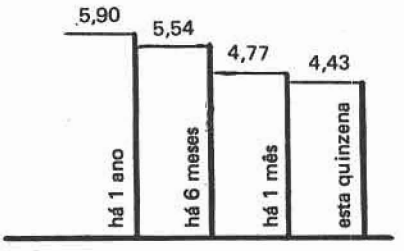
Trigo / Milho



Algodão / Soja



Algodão / Milho



FONTES – Algodão: Reuters, Cotton World Statistics. Soja, Milho e Trigo: Reuters, Commodity Year Book.

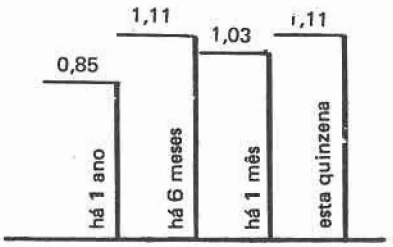
NOTAS: Ao nível atual de 2,80, o preço relativo soja/milho continua a indicar a vantagem relativa do plantio de soja sobre o de milho para ra os agricultores norte-americanos. A comparação com a posição de 1 ano antes revela que aquela vantagem era ainda mais evidente no ano passado, quando, de fato, o plantio de soja nos EUA cresceu em 17%. * A relação de preços trigo/milho, que vinha declinando há seis meses, reverteu sua tendência baixista nesta quinzena, em conseqüência da conjuntura de alta, que atualmente caracteriza o mercado do trigo. *** A elevação dos preços da soja, em confronto com a relativa estabilidade dos preços do algodão, continua a deteriorar o preço relativo algodão/soja no mercado internacional, favorecendo o aumento de plantio da leguminosa, em detrimento do algodão, nos EUA. *** Da mesma forma, o preço relativo algodão/milho vem declinando sistematicamente há 1 ano, em resposta ao contínuo fortalecimento das cotações do milho. *****

Panorama Agropecuário

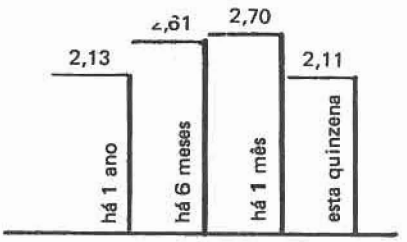
PREÇOS RELATIVOS

MERCADO INTERNO

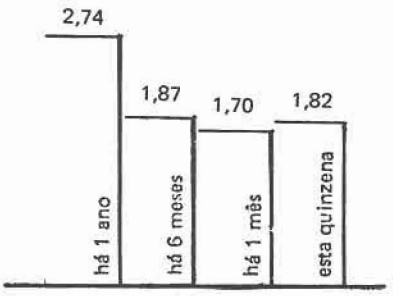
Boi Gordo / Frango Abatido



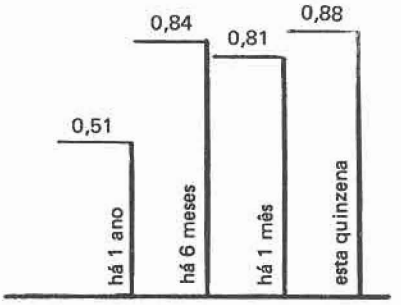
Frango Abatido / Ração Ave Corte



Soja / Milho



Feijão Preto / Feijão a Cores



FONTES – Boi Gordo: IEA-Sec. Agric. SP. Frango Abatido e Ração Ave Corte: IEA-Sec. Agric. SP e APA. Feijão Preto, Feijão a Cores, Soja e Milho: Bolsa de Cereais de SP.

NOTAS: Embora ainda estejamos atravessando o período de safra do boi gordo, a limitada oferta deste ano mantém aquecidos os preços do boi, apesar das recentes importações de carne. O mercado de frango, depois de um período de firmeza que se estendeu até o mês passado, passou a apresentar queda no preço do produto. Isto justifica o elevado preço relativo boi gordo/frango abatido quando comparado com a posição de 1 ano antes, em que a safra do boi era abundante. * Um aumento de 14% nos preços das rações, conjugado com uma queda de 10% nos preços do frango abatido (ambas as variações no período de 1 mês) forçou a redução do preço relativo frango abatido/ração a níveis inferiores aos existentes 1 ano antes. *** Os problemas ocorridos com as safras de soja e milho, em conseqüência da seca, mantêm firmes os preços dos dois produtos. Atualmente, o preço relativo soja/milho situa-se em 1,82, inferior em 33% aos níveis de 1 ano antes, quando o preço da soja atingia seu pico de alta e a cotação do milho refletia os efeitos de uma safra abundante. *** Um aumento de 5,2% nos preços do feijão preto e um declínio de 3,8% nos preços do feijão a cores (em relação aos praticados há 1 mês) elevaram, nesta quinzena, o preço relativo feijão preto/feijão a cores ao nível de 0,88.**

FOSFATO NATURAL

USO DIRETO PROPICIA EXCELENTES RESULTADOS

De conhecimento notório entre técnicos e lavradores que labutam no cerrado, o fosfato natural produzido em Araxá e, mais recentemente em Patos de Minas, para uso direto em pastagens e culturas de ciclo longo, tem contribuído de forma decisiva para a recuperação agrícola dessa extensa área de terra brasileira.

A sua baixa solubilidade, comparativamente a dos fertilizantes fosfatados normais de mercado, permite uma liberação lenta, fazendo com que atue mais como corretivo de longo prazo do solo, do que fonte imediata de nutrientes para as plantas. Essa característica primordial de corretivo de solos do cerrado, de carência reconhecida de fósforo e certos micronutrientes, explica a inclusão do financiamento do fosfato natural na categoria de crédito de investimento e não de custeio.

ESTOQUES EM ASCENSÃO

Após fase de fastígio, em que toda a produção era vendida com antecedência pela Companhia Agrícola de Minas Gerais (CAMIG), o fosfato natural, na atualidade, vem sendo estocado em grandes quantidades tanto em Araxá, onde se localiza a unidade de moagem da CAMIG, como em Patos de Minas, sede da usina-protótipo da Fertilizantes Fosfatados SA (FOSFÉRTIL) e em depósitos da própria CAMIG. No momento, esse volume já ultrapassa as 50.000 t, assim distribuídas: CAMIG (Araxá) – 15.000 t, CAMIG (Uberlândia) – 35.000 t e FOSFÉRTIL (Patos) – 3.000 t. As perspectivas para julho próximo são de que essa estocagem ultrapasse as 80 mil t, mesmo com a desativação de um dos três turnos com que vinha operando a CAMIG, em face da paralisação quase completa do mercado. A explicação para essa conjuntura pouco promissora encontra-se na conjunção de vários fatores, tais como: entressafra, aumento de produção (tanto CAMIG como FOSFÉRTIL, praticamente dobraram sua capacidade instalada, passando a autonomia de 12.500 t/mês cada uma) e, principalmente, desativação dos programas especiais – POLOCENTRO, PRONAP.

Acrescente-se que esse aumento de estocagem da mercadoria ocorre sem que haja alteração nos preços: o fosfato natural de Araxá e Patos custa Cr$ 650,00/t posto fábrica desde o ano passado.

ALTERAÇÕES NA SISTEMÁTICA DE DISTRIBUIÇÃO

Do ângulo específico da comercialização, desempenhada na sua totalidade até o presente momento pela CAMIG, a abordagem do mercado de fosfato natural encontra-se em fase de alterações. Negociações entre a FOSFÉRTIL e a CAMIG estão em andamento sobre o novo contrato a ser firmado a respeito da distribuição do produto. No anterior, expirado em 30/3/78, a CAMIG se comprometia a comprar até 50% da produção da FOSFÉRTIL, condições com que a companhia mineira não pode arcar no momento, devido principalmente ao elevado ônus financeiro advindo da estocagem.

Paralelamente, a FOSFÉRTIL promove contatos com empresas tradicionais do setor de fertilizantes para uma abertura maior de difusão de seu produto. A ULTRAFÉRTIL, empresa do grupo, deverá absorver, inicialmente, 15.000 t para colocação no mercado, além de 5.000 t para testes de produção de ácido fosfórico.

EXPANSÃO DO MERCADO-DEPENDÊNCIA DOS PROGRAMAS ESPECIAIS

Do lado da CAMIG, a expectativa de escoamento de produção reside na reativação dos programas especiais, com ênfase para a prometida liberação de verba da ordem de Cr$ 300 milhões do POLOCENTRO. Nesse interregno, ressente-se da necessidade de uma linha de financiamento de estocagem de produtos de vendas sazonais.

MÁQUINAS E IMPLEMENTOS AGRÍCOLAS

DA DEPRESSÃO À EUFORIA

A simples elevação de 60 para 100% do teto percentual do financiamento (até 200 MVR) de tratores e máquinas agrícolas teve o poder de transmutar o *facies* de praticamente todo o empresariado do setor. Subitamente, o estado depressivo se transforma em euforia grandiloqüente, a ponto de se cogitar de recorde de vendas em 1978, atingindo-se o volume de 71 mil unidades de tratores, demanda estimada do mercado pelo Ministério da Agricultura.

CONJUNTURA SOMBRIA

Sem dúvida, a conjunção de fatores, distorcidos uns, estocásticos outros, fatalmente levaria a tal decisão. Os pátios das fábricas e de revendedores abarrotados, a excessiva capacidade ociosa (em torno de 50%) do parque industrial, a pletora de estímulos financeiros ao mercado consumidor até dois anos atrás, e, por fim, a seca avassaladora em que vive a região Centro-Sul neste primeiro quadrimestre — todos esses fatos empurrariam, como fatalmente empurraram, as empresas na direção do túnel escuro da iliqüidez e do desemprego, pela desativação real e prognosticada do mercado.

MEDIDAS DE EMERGÊNCIA — RESULTADOS DUVIDOSOS

Assentada a poeira da euforia, sobejam perguntas incomodativas: Em que grau as medidas terão efeitos imediatos? Por quantos meses ainda os pátios industriais acusarão superabundância de tratores e máquinas agrícolas? Haverá respostas sincronizadas ao simples apertar dos botões das medidas emergenciais? E o ânimo real do agricultor que, após perda de 20 a 70% das safras de verão, vê ameaçada a sua maior cultura de inverno — o trigo — já danificada pela seca no Paraná e de incerto plantio, pelo mesmo motivo, no Rio Grande do Sul? A longo prazo, o mercado continuará à mercê de decisões de emergência?

OTIMISMO SEM CONSENSO

Nesse ponto, já não se detecta entre os empresários o consenso otimista da primeira hora. A esse respeito, fontes sulinas informam posição mais realista do empresariado gaúcho. Julgam terem vindo atrasadas as medidas financeiras ora liberadas, fundamentando esse posicionamento com o exemplo do mercado das colheitadeiras, que tem sempre boa demanda no primeiro trimestre. Além do mais, em face do ânimo pouco otimista dos agricultores, seqüela das quebras de safra, vislumbram aqueles industriais uma redução das vendas de 35%, em relação às 6.200 unidades vendidas em 1977, aumentando para dois terços a ociosidade das fábricas. Essa estimativa é confirmada, mesmo frente a notícias de prorrogação de 24 a 18 meses para a liquidação dos empréstimos de custeio e de investimento, respectivamente, medidas essas tomadas nos últimos dias.

Por isso, se a benesse fazendária é um dado positivo, por outro lado a seca vem consumindo qualquer reação esperável da demanda por máquinas e implementos, o que anula os efeitos dos estímulos creditícios.

Em contrapartida, há os que consideram as modificações havidas na sistemática de financiamento das máquinas e implementos agrícolas ainda oportunas no tempo. E que uma moratória de empréstimos agrícolas é sempre fonte revigoradora de energias de efeito rápido. Não esquecer, entretanto, que a sobrevivência a longo prazo é a preocupação precípua das empresas. Assim, qualquer adversidade conjuntural torna os empresários agrícolas mais avessos a grandes investimentos. Agregue-se a isso, o fato de que a recém-anunciada linha de crédito a máquinas usadas recolocaria essa forma de investimento como opção mais flexível a curto prazo, contrariando deste modo os interesses já bastante abalados dos industriais de máquinas.

Comentários

AÇÚCAR/ÁLCOOL

CONTROLE INSTITUCIONAL AMORTIZA OS IMPACTOS DO QUADRO MUNDIAL SOBRE O SETOR PRODUTIVO.

Com uma estimativa de que a produção mundial de açúcar exceda o consumo em cerca de 9% na safra 77/78 e que os estoques acumulados se situem por volta de 31 milhões de t, em 31/8/78, o mercado internacional atravessa um período de crise, com cotações em baixa. Para o Brasil, maior produtor mundial de açúcar de cana, o impacto deveria ser alarmante pelos reflexos da situação internacional no mercado interno. Mas a particularidade desta cultura, sujeita a controle institucional com garantia de compra de sua produção, faz com que este quadro não se configure a nível do produtor.

ALTERNATIVAS PARA O SETOR PRODUTOR.

Como alternativas, surgem a possibilidade de redução da produção de açúcar — deixando de industrializar parte da safra que começa a ser colhida em junho — ou a destinação de mais matéria-prima para produção de álcool.

SUPERPRODUÇÃO MUNDIAL ESTIMULA PRODUÇÃO DE ÁLCOOL.

Apesar de o preço de equivalência (44 litros de álcool por saca de 60 kg de açúcar) não ser estimulante para direcionar o sistema produtivo em favor do álcool, o quadro mundial contribui para sua ativação. Dentre os usos deste produto, os mais significativos seriam para a indústria petroquímica, a indústria química e principalmente para mistura carburante.

PROBLEMAS DO PROÁLCOOL COMO POLÍTICA DE CURTO PRAZO.

Como política de curto prazo, problemas de produção, estocagem e distribuição devem ser considerados. O único estado onde o Proálcool foi efetivamente operacionalizado foi São Paulo, o que permitiu que a mistura fosse mantida durante todo o ano de 1977. O setor produtivo acredita que 1,3 bilhão de litros de álcool carburante, além das outras destinações da matéria-prima, devem dar vazão a toda produção de cana do estado, com sua completa absorção pelo consumo. Para isto, necessitaria de autorização para antecipação da moagem por parte do Ministério da Indústria e Comércio. A médio prazo, a efetivação da mistura na região Sul-Sudeste também seria possível. Quanto ao resto do país, apesar de representar uma parcela pequena no consumo de gasolina, a situação é de absoluta falta de infra-estrutura, principalmente no que diz respeito à possibilidade de distribuição por via férrea, rodoviária ou marítima, como também no que concerne aos problemas de estocagem. Bom exemplo é o estado de Pernambuco com capacidade de estocagem de 30 milhões de litros, contra uma produção de álcool prevista em 217 milhões de litros pelo IAA.

Além dos problemas estruturais que se apresentam, cabe o questionamento da possibilidade de realocação de recursos dentro do país. A curto prazo, o Proálcool não reduziria sensivelmente a quantidade de petróleo importado, uma vez que a gasolina — por ser um subproduto — tem sua produção determinada pela rigidez da necessidade dos outros derivados de petróleo. Restariam dentro do país, pelo uso do álcool, grandes quantidades de gasolina.

SETOR QUER PREÇO DE EQUIVALÊNCIA MAIS JUSTO.

O setor alcooleiro, além de produzir o substituto da gasolina a custos mais elevados, tem ainda, por necessidades operacionais, pressionado a área governamental por uma equivalência de preço mais justa com o açúcar (36 litros/saca). Isto tornaria o produto ainda mais caro, a nível do consumidor final.

Comentários

POSSIBILIDADE DE EXCEDENTES DE GASOLINA DENTRO DO PAÍS.

A diferença de preço entre óleo diesel e gasolina tem favorecido o uso do primeiro, distorcendo a estrutura de consumo e gerando excesso de gasolina dentro de país. Além disso, os países do Oriente Médio com projetos de instalação de indústrias petroquímicas poderão a qualquer momento comprometer a entrega de petróleo à aquisição conjunta de gasolina, sem utilização dentro de seus países.

PROÁLCOOL VIÁVEL A LONGO PRAZO.

A longo prazo, o Proálcool é um programa que se justifica, quer por permitir o desenvolvimento de tecnologia de ponta, por problemas de segurança nacional, bem como por ser uma alternativa a um produto não renovável.

MILHO

PREÇOS DO MILHO PERMANECEM FIRMES APESAR DA ENTRADA DA SAFRA.

Em pleno período de colheita da safra brasileira de milho, os preços do cereal continuam aquecidos, dando idéia do quadro de pressões inflacionárias que irão caracterizar a economia brasileira este ano. De fato, em decorrência da queda de produtividade e da menor área de plantio, os preços do milho, praticados na Bolsa de Cereais de São Paulo, são hoje 15% superiores, em termos reais, aos praticados no mesmo período do ano passado. A situação é tanto mais grave quando se considera que a demanda de milho terá que se expandir este ano para manter o crescimento da avicultura e suinocultura, asssim compensando parte do déficit no abastecimento de carne bovina a partir do segundo semestre. Embora a situação específica do milho se revele a mais preocupante, outros produtos agrícolas importantes para o abastecimento interno ou para a pauta de exportações — como é o caso da soja, trigo, café, arroz e algodão — também apresentarão queda na produtividade, em decorrência da longa estiagem que afeta as lavouras do Sul do país. Isto certamente exigirá redobrado esforço das autoridades governamentais, que deverão manter regularizado o abastecimento e amortecer a elevação dos preços, sem desestimular os agricultores.

ABASTECIMENTO REQUER IMPORTAÇÕES IMEDIATAS.

Com o início da distribuição dos estoques governamentais de milho às indústrias de rações, os preços do produto deverão estabilizar-se em torno de Cr$ 120,00 a saca nas próximas semanas. A magnitude da quebra de safra, entretanto, está a exigir o imediato recurso às importações para a programação do abastecimento interno via estoques reguladores, sem o que o mercado logo retomará a escalada de preços, comprometendo a produção de aves e suínos. Por exemplo, os preços atuais de rações para aves estão mais elevados em 14% do que os registrados há 1 mês, comprimindo as margens de lucros dos avicultores. Por outro lado, permanece firme a demanda por frangos, uma vez que os abatedouros estão operando à plena capacidade. Isto sugere uma perspectiva altista para os preços de frango no curto prazo.

CONTROLE DE PREÇOS *VERSUS* INCENTIVO À PRODUÇÃO.

Embora se reconheça a conveniência da imediata formação de estoques com o produto importado, permanecem lentas as negociações para as compras do milho no mercado internacional. Tudo indica, inclusive, que o produto importado, em sua maior parte, deverá chegar aos portos nacionais no final deste semestre ou início do próximo, um pouco antes, portanto, do início da semeadura para a safra 78/79. Neste caso, é fundamental que a gestão de estoques governamentais não pondere apenas a meta do controle de preços, pois é no período pré-plantio que os preços correntes no mercado

influenciam decisivamente a intenção de plantio dos agricultores. A partir do segundo semestre, portanto, devem ser mantidos os incentivos de preços aos produtores — no sentido de que algum aumento de preço deverá ser tolerado — para que a produção seja incrementada na próxima safra.

PREÇOS EXTERNOS DEVEM SUBIR.

As perspectivas do mercado internacional também não justificam a atual morosidade na efetivação das importações. Embora os preços externos ainda estejam relativamente baixos em conseqüência dos elevados estoques norte-americanos, o mercado deverá firmar-se nas próximas semanas, em função de grandes importações realizadas pela URSS, além do atraso no plantio para a próxima safra norte-americana.

AS MEDIDAS DE POLÍTICA PARA SE ENFRENTAR A CRISE.

Portanto, para regularizar o abastecimento e estancar as pressões inflacionárias é necessário que o milho importado esteja disponível ainda neste semestre, para a formação de um estoque dinâmico de 500 mil t ao longo deste ano. Para manter o incentivo à produção, basta recordar a infeliz experiência do ano passado, quando os estoques governamentais foram desovados na época de plantio, derrubando os preços e desestimulando os produtores. A repetição deste equívoco poderá ser fatal à lavoura de milho do Brasil.

TRIGO

BIÊNIO DESFAVORÁVEL.

A secular história da experiência tritícola brasileira poderá incorporar no biênio 77/78 um novo divisor de águas, com a persistência de distúrbios climáticos, prolongados por um período inusitado. Após a extrema irregularidade pluviométrica, responsável pela pequena colheita de trigo de 1977, as culturas de verão foram sensivelmente prejudicadas e, agora, o prosseguimento de uma longa estiagem assume feição inquietante, ao perturbar o plantio das culturas de inverno.

PROBLEMAS NAS ÁREAS DA TRITICULTURA.

Principal lavoura semeada neste período, o trigo vê-se afetado, mais uma vez, por condições naturais desfavoráveis. As três regiões ecologicamente diferenciadas e propícias a seu cultivo enfrentam problemas semelhantes. Segundo o Centro Nacional de Pesquisa de Trigo, são elas as regiões Sul (Rio Grande do Sul, Santa Catarina e centro-sul do Paraná), Centro-Sul (norte e oeste paranaenses, sul de Mato Grosso e sudoeste de São Paulo) e, por último, a região Central, atual área pioneira da triticultura, que abrange Minas Gerais, Goiás, norte de Mato Grosso e norte de São Paulo.

O plantio do cereal deveria estar-se completando na região Centro-Sul, onde, no momento, aproxima-se do fim o período ideal de semeadura, localizado entre 10 de março e meados de maio. No entanto, a escassez de chuvas manteve secos os solos, arruinando as primeiras semeaduras e retardando o processo de desenvolvimento da safra, a qual, tardiamente plantada, enfrentará novas adversidades mais tarde.

ESPERANÇAS FRUSTRADAS NO PARANÁ.

Estes problemas aparecem justamente quando, ao contrário do Rio Grande do Sul, os trigais do Paraná apresentaram bom desempenho na safra passada, dando a certeza da expansão da área do cereal em terras paranaenses — favorecida, também, pela boa disponibilidade de sementes e pela antecipação do término da colheita da soja.

Comentários

DIFICULDADES PROSSEGUEM NO RIO GRANDE DO SUL.

Não bastasse o agravamento dos problemas enfrentados pelos produtores dessa região, as mesmas cores se apresentam na composição do quadro do início do plantio do trigo gaúcho. A longa estiagem soma-se à desolação, que já permitia prever a impossibilidade da repetição da área plantada anterior, de 1,5 milhão de hectares. Chegar-se-ia, no máximo, próximo a 1 milhão de hectares, devido não apenas ao impacto da quebra de 1977, mas também ao desânimo provocado pelo atual preço de garantia e pela limitada oferta de sementes. Este último problema vem assumindo maiores proporções, há algumas semanas, devido à não-efetivação dos prognósticos mais pessimistas, de quase-abandono da cultura do trigo no Rio Grande do Sul.

PERSPECTIVAS PREOCUPANTES.

Ainda é cedo para que se levantem suposições em torno do desenvolvimento da safra de 1978. No entanto, parece inevitável o aprofundamento do fosso entre a oferta doméstica e os acréscimos verificados anualmente no consumo do trigo. Nos anos de 1976 e de 1977, este apresentou incrementos superiores a 20%, cuja repetição este ano, alçará a demanda interna a mais de 7 milhões de t. A conseqüente ampliação, pela Sunab, do volume das quotas distribuídas aos moinhos exigirá, necessariamente, a complementação com o produto importado, em escala ainda maior do que a hoje verificada.

MAIS IMPORTAÇÕES, PREÇOS MAIS ELEVADOS.

A incômoda posição brasileira de sólido importador mundial prosseguirá e, infelizmente, será acompanhada por parceiros habitualmente participantes, em grande escala, do mercado internacional. Se a presença da República Popular da China, como fator ponderável para a sustentação das cotações do trigo, era tida como certa, as notícias sobre danos no trigo de inverno da União Soviética poderão significar compras ainda maiores deste país. Inevitavelmente, a força da demanda internacional garantirá a repetição de reduções no volume dos estoques norte-americanos. Isto, associado ao êxito da política de formação de reservas nos EUA, e à participação dos fazendeiros norte-americanos nos programas de redução de plantio, significará, para o Brasil, dispêndios bem superiores aos US$ 550 milhões esperados para 1978, com as importações de trigo.

ALGODÃO

CAUSAS DA ELEVAÇÃO DOS PREÇOS.

Há cerca de dois meses, o preço do algodão em pluma no mercado interno vem-se elevando sistematicamente. Tal fato se explica por um superaquecimento de demanda, provocado pelo receio dos industriais de que as disponibilidades de produto se possam revelar insuficientes ao atendimento de suas necessidades. Por outro lado, pretendendo cobrir os danos causados pelas más condições climáticas, os produtores estariam ofertando o produto a preços mais elevados. A interação de ambos os fatores tem configurado uma situação artificial de escassez.

SUPRIMENTO GARANTE MERCADO.

Na realidade, o mercado se acha satisfatoriamente suprido. A safra meridional, estimada entre 260 e 300 mil t, será mais do que suficiente para atender ao consumo médio mensal de 40 mil t até setembro-outubro, quando começa a ser colhido o algodão nordestino. Assim sendo, não haverá necessidade de ser utilizado o estoque remanescente da temporada 76/77 (100 a 130 mil t) para garantir o abastecimento

industrial.

O PORQUÊ DO PEDIDO DE *DRAW-BACK*.

A elevação do preço interno e a relativa estabilidade do preço internacional elevaram a gravosidade do produto para cerca de 37%, o que explica a insistência dos industriais em obter permissão para realizar importações sob o regime de *draw-back*. Alegam que a utilização de matéria-prima nacional acarretaria a elevação dos custos internos da produção industrial, o que se constituiria em agravante das dificuldade enfrentadas para colocação do produto no mercado internacional. Além disso, caso não sejam exportados pelo menos 20% da produção têxtil nacional, adviria, segundo eles, séria crise ao setor. Portanto, far-se-ia necessário promover a redução do preço da matéria-prima, de forma a preservar a competitividade do produto industrial, sob pena de se perder parcela do mercado externo, hoje já bastante comprometida em virtude do protecionismo praticado por nossos principais consumidores (CEE e EUA).

DESVANTAGENS NA IMPORTAÇÃO DE PLUMA.

Deve-se considerar, no entanto, que a opção de provocar a redução do preço da matéria-prima, via *draw-back*, além de envolver gastos adicionais e desnecessários no mercado internacional, contribuiria tão-somente para preservar a atual meta de exportação de produtos têxteis. Outrossim, caso fosse importado o volume total reivindicado — 50 mil t — a redução dos preços internos do pluma que daí resultaria, poderia se constituir em forte desestímulo à produção nacional, na medida em que este volume corresponde a mais de 10% do consumo interno do país.

SUBSÍDIOS NA EXPORTAÇÃO *VERSUS* GRAVOSIDADE BENEFICIA INDÚSTRIA TÊXTIL.

Em 1975, os subsídios fiscais (IPI e ICM) e financeiros (taxa de juros subsidiadas) alcançavam 60,2% para tecidos e 35,2% para fios de algodão, sem considerar o ganho adicional constituído pela isenção de recolhimento de IPI e ICM e o abatimento do IR que a legislação fiscal permite aos exportadores. Posteriormente, a Lei nº 398/75 elevou os subsídios via crédito, de 4,2 para 8%, proporcionando ainda maiores benefícios aos industriais dos ramos fio e tecido (39% e 64%, respectivamente).

A obrigatoriedade de as indústrias consumirem exclusivamente matéria-prima nacional, por sua gravosidade, reduz sensivelmente sua apropriação dos benefícios governamentais. Se descontarmos do total de subsídios fiscais e creditícios destinados aos industriais o aumento de seus custos provocado pela impossibilidade de utilização da matéria-prima importada, iremos obter um *subsídio efetivo* menor, mas que ainda assim tornará competitivo o preço dos tecidos e fios.

SUCO CÍTRICO

CACEX DEFINE PREÇO AO PRODUTOR.

Em face do desacordo entre os setores agrícola e industrial de *citrus*, o governo através da CACEX, fixou em Cr$ 36,00/caixa o preço da matéria-prima destinada à industrialização para a safra 77/78.

INDUSTRIAIS CONSIDERAM ELEVADO O NOVO PREÇO.

Embora aplaudida pelos citricultores, a medida da CACEX vem gerando um impasse, de vez que os industriais, prognosticando superprodução de concentrado de laranja este ano, alegam a inviabilidade do preço estabelecido para a matéria-prima. O ponto básico da argumentação dos industriais refere-se à necessidade de garantia de escoa-

mento ou financiamento dos excedentes de produção, tendo em vista o não-aviltamento dos preços no mercado internacional.

POSSÍVEIS EXCEDENTES ESTE ANO.

Na verdade, a elevada produção prevista para atual safra propicia condições aos industriais de exercer mais efetivamente seu poder oligopsônico, derivado da estrutura do mercado nacional, ao contrário do que ocorreu ano passado, quando as disponibilidades de matéria-prima se revelavam reduzidas. Nesse sentido, com objetivo de expandir suas margens de lucro, uma das maiores empresas anunciou recentemente dispor de matéria-prima de produção própria, suficiente para mantê-la afastada do mercado por quatro meses consecutivos.

O certo, entretanto, é que nas recentes *démarches* junto à CACEX, os próprios industriais sugeriram o estabelecimento do preço de referência em Cr$ 35,00 por caixa e que o aventado estoque é, na verdade, oriundo de compras realizadas anteriormente, a preço antigo.

SUBSÍDIOS AINDA NÃO DEFINIDOS.

Assim, os industriais do setor estariam, na verdade, procurando indiretamente induzir o governo a definir rápida e benevolamente a política de subsídios às exportações para este ano. Por sua vez, cabe ao órgão governamental, sopesando as variáveis relevantes em jogo, definir da forma menos onerosa possível a política de exportação para 1978.

Comentários

Também colaboraram neste número os seguintes estagiários:

Irene Freire Raguenet
Sônia Uderman
Lauro Flávio Vieira de Faria
Rogério Carneiro Campello
Pedro Henrique Junqueira Reis
Jorge Batista Torres

Revisão de Originais: César Romero García

FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS

Entidade de caráter técnico-científico, educativo e filantrópico, instituída em 20 de dezembro de 1944 como pessoa jurídica de direito privado, visando ao estudo dos problemas de organização racional do trabalho, especialmente nos seus aspectos administrativos e social, e à conformidade de seus métodos às condições do meio brasileiro.

Sede: Praia de Botafogo, 190 — Caixa Postal: 9.052 — ZC-02
Tel: 266-1512
CEP: 20.000 — Rio de Janeiro — RJ

CONSELHO DIRETOR
Presidente: Luiz Simões Lopes
Vice-Presidente: Jorge Oscar de Mello Flôres
Membros: Alberto Sá Souza de Brito Pereira, Carlos Medeiros Silva, Eugenio Gudin, José Joaquim de Sá Freire Alvim, Isaac Kerstenetzky e Octávio Gouvêa de Bulhões.

CONSELHO CURADOR
Presidente: Maurício Nabuco
Vice-Presidente: Alberto Pires Amarante
Membros: Aldo Batista Franco, Alzira Vargas do Amaral Peixoto, Antônio Garcia de Miranda Netto, Antônio Ribeiro França Filho, Apolônio Jorge de Faria Salles, Celso Timponi, Cesar Reis de Cantanhede e Almeida. Estado de São Paulo — representado por: Murilo Macedo, Francisco Montojos, Heitor Campello Duarte, Henrique Domingos Ribeiro Barbosa, João Carlos Vital, Joaquim Bertino de Moraes Carvalho, José de Nazaré Teixeira Dias, Moacyr Velloso Cardoso de Oliveira, Paulo de Tarso Leal, Rafael da Silva Xavier, Rubens D'Almada Horta Porto e Theodoro Arthou.

Presidente: Luiz Simões Lopes
Superintendente Geral: Roberto Hermeto Corrêa da Costa

INSTITUTO BRASILEIRO DE ECONOMIA

COMISSÃO DIRETORA
Presidente: Octávio Gouvêa de Bulhões
Membros: Eugenio Gudin, Angelo Jorge de Souza, Janes Angelo de Souza, Julian Magalhães Chacel e Mário Henrique Simonsen.
Assessor de Direção: Jorge Kingston

DEPARTAMENTO DE ENSINO
Diretor da Escola de Pós-Graduação em Economia: Carlos Geraldo Langoni

DEPARTAMENTO DE ESTUDOS E PESQUISAS
Diretor: Julian Magalhães Chacel

Divisão de Contabilidade Social
Diretor: Angelo Jorge de Souza
Centro de Contas Nacionais — Ralph Miguel Zerkowski
Centro de Estudos Fiscais — Margaret Hanson Costa
Centro de Estudos Industriais — Eden Gonçalves de Oliveira

Divisão de Estatística e Econometria
Diretor: Janes Angelo de Souza
Centro de Estudos Agrícolas — Silvio Wanick Ribeiro
Centro de Estatística Econômica — Roberto Maia de C. Abib
Centro de Processamento de Dados — Eugenio Decourt

EAESP/FGV
S. B.
8 MAI 1978
CORRESPONDÊNCIA
RECEBIDA

Não sendo encontrado o destinatário, devolver ao
GRUPO DE INFORMAÇÃO AGRÍCOLA
FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS
Av. Gomes Freire, 647 — 10º andar
ZC-58 - RIO DE JANEIRO - RJ - BRASIL